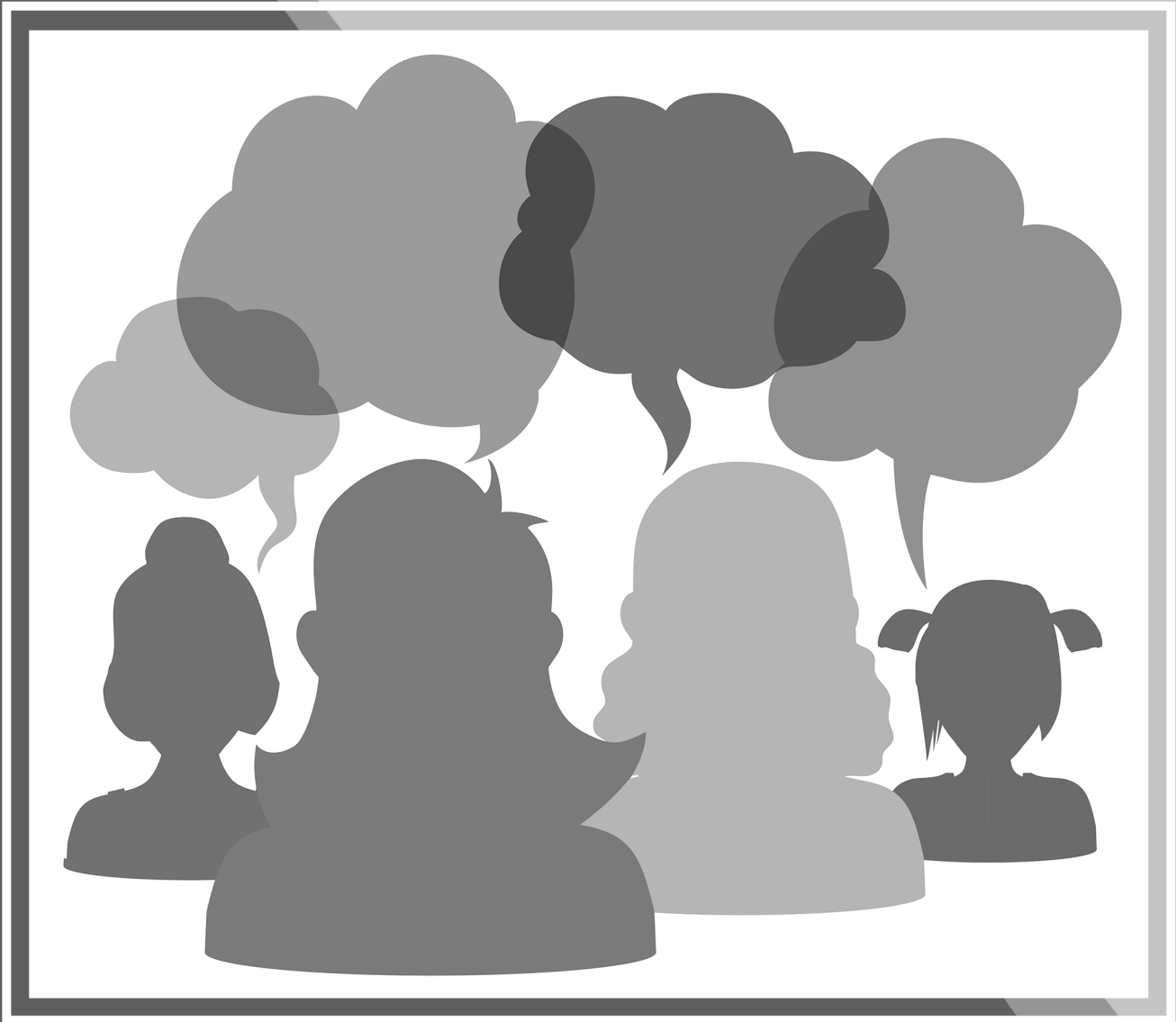


História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscarro
(Organizadores)

História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscarro
(Organizadores)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	<p>História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos 2 / Organizadores Antonio Gasparetto Júnior, Ana Paula Dutra Bôscaro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-81740-01-6 DOI 10.22533/at.ed.016201102</p> <p>1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores. I. Gasparetto Júnior, Antonio. II. Bôscaro, Ana Paula Dutra. CDD 907.2</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O campo da História é repleto de possibilidades ou, como sugere o título deste livro, um espaço fecundo para diálogos. Neste sentido, são possíveis análises cronológicas, quantitativas, qualitativas, biográficas, transnacionais e interdisciplinares que permeiam outras variáveis como econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais, por exemplo. Assim, o chamado para se refletir sobre a História é um chamado para se pensar a atuação do ser humano no planeta, em suas diferentes épocas, seus diferentes contextos e em suas diferentes abordagens.

A História, como ciência, é dotada de métodos que são empregados por seus pesquisadores e pesquisadoras para, a partir de questões que são colocadas, verificar suas teses em fontes pertinentes ao tema analisado. O que o leitor encontrará neste volume são textos que foram selecionados para composição do livro a partir de um eixo que prioriza a reflexão a respeito da Educação, da Religião e do Patrimônio. Os 30 capítulos são frutos de estudos que foram desenvolvidos por profissionais de diversas instituições do país.

Na primeira parte da obra estão reunidas análises históricas acerca da Educação. De modo que, internamente, esses textos permeiam debates em torno de questões étnicas na Educação, aspectos do ensino básico e do ensino universitário.

Na segunda parte da obra estão reunidas análises históricas situadas no campo das religiões. Assim sendo, os respectivos capítulos concentram análises que retomam aspectos religioso desde a Idade Média até os dias atuais, além de refletir sobre questões de gênero no campo religioso e trajetórias pessoais.

Por fim, a terceira parte do livro é composta por análises históricas no campo do Patrimônio. De tal forma abrangente que parte da antiguidade egípcia até a música contemporânea. Seus textos discutem outros temas como folclore, teatro e quilombos.

Em síntese, a obra *História: espaço fecundo para diálogos* é uma constatação ao leitor das inúmeras possibilidades das pesquisas históricas, apresentando resultados de investigações que são notadamente importantes para o conhecimento da sociedade. Ademais, é de suma importância a divulgação científica do trabalho do Historiador/Historiadora, que constrói pontes para uma sociedade mais justa e consciente.

Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscaro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NEGRITUDE E MEMÓRIAS APAGADAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS DE UMA CIDADE MINEIRA (1976-2016)	
Maria Rita de Jesus Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.0162011021	
CAPÍTULO 2	14
EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA PROPOSTA DE VISIBILIZAR A LEI 10.639/2003 E DECOLONIZAR O CURRÍCULO NO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL MIGUEL ARCANJO, EM SÃO SEBASTIÃO – DISTRITO FEDERAL	
Técia Goulart de Souza Elison Antonio Paim	
DOI 10.22533/at.ed.0162011022	
CAPÍTULO 3	24
ÓRFÃOS DO ELDORADO DE MILTON HATOUM: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA A HISTÓRIA E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA NA AMAZÔNIA	
Arcângelo da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.0162011023	
CAPÍTULO 4	37
HISTÓRIA INDÍGENA NO ENSINO DE HISTÓRIA: HÁ LUGAR PARA TEMPORALIDADES OUTRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA?	
Edith Adriana Oliveira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.0162011024	
CAPÍTULO 5	53
PAULO BOURROUL E O ENSINO DAS CIÊNCIAS NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX	
Matheus Luiz de Souza Céfalo	
DOI 10.22533/at.ed.0162011025	
CAPÍTULO 6	69
EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEI FEDERAL Nº 10.639/03: INDIFERENÇA A SER SUPERADA	
Carla Santos Pinheiro Lauro de Freitas/Bahia	
DOI 10.22533/at.ed.0162011026	
CAPÍTULO 7	80
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL POR MEIO DA ILUMINAÇÃO SEMAFÓRICA DE BELO HORIZONTE: “PROJETO CIDADE REVELADA - INTERPRETAÇÃO E SINALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL”	
Ana Carolina Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0162011027	

CAPÍTULO 8	91
PATRIMÔNIO CULTURAL E A HISTÓRIA LOCAL: UMA PESQUISA DO PROFHISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Antônia Lucivânia da Silva Paula Cristiane de Lyra Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0162011028	
CAPÍTULO 9	106
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS ANOS INICIAIS	
Carollina Carvalho Ramos de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0162011029	
CAPÍTULO 10	118
IMAGENS EM SALA DE AULA: O USO DE PINTURAS HISTÓRICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Priscila Santos Calegari	
DOI 10.22533/at.ed.01620110210	
CAPÍTULO 11	131
CONTESTADO EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO	
Gerson Luiz Buczenko	
DOI 10.22533/at.ed.01620110211	
CAPÍTULO 12	141
ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL E INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DAS COLEÇÕES DE LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA	
Nádia Narcisa de Brito Santos	
DOI 10.22533/at.ed.01620110212	
CAPÍTULO 13	154
ARIANO SUASSUNA: A ESCRITA E A PRÁTICA DE UM PENSAMENTO EDUCACIONAL NO “BRASIL REAL”	
Aurea Maria Bezerra Machado	
DOI 10.22533/at.ed.01620110213	
CAPÍTULO 14	165
O (AUTO) BIOGRÁFICO NO PROCESSO FORMATIVO: DOCÊNCIA ORIENTADA NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	
Fabiana Regina da Silva Cristiane Medianeira da Silva Reis	
DOI 10.22533/at.ed.01620110214	
CAPÍTULO 15	180
A MISSÃO DAS UNIVERSIDADES: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DAS PROPOSIÇÕES EDUCACIONAIS DE ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA	
Alexandre de Britto Redondo	
DOI 10.22533/at.ed.01620110215	

CAPÍTULO 16	194
UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS AFIRMATIVAS NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS: COTAS PARA ESTUDANTES NEGROS	
Josefa Neves Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.01620110216	
CAPÍTULO 17	208
SANTO INOCÊNCIO MÁRTIR: UM SANTO ITALIANO DO SÉCULO III EM TOMAZINA PR	
Jonathas Wilson Michelin	
Angelita Marques Visalli	
DOI 10.22533/at.ed.01620110217	
CAPÍTULO 18	221
A IGREJA E A FONTE DE NOSSA SENHORA D'AJUDA DE PORTO SEGURO (1551- 1761)	
Lucas de Almeida Semeão	
DOI 10.22533/at.ed.01620110218	
CAPÍTULO 19	233
AS HAGIOGRAFIAS SEISCENTISTAS DE JOSÉ DE ANCHIETA: PROJETOS POLÍTICOS E IDENTIDADES RELIGIOSAS EM CONCORRÊNCIA	
Camila Corrêa e Silva de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.01620110219	
CAPÍTULO 20	246
O SOCIAL NA ARTE SACRA DE E. P. SIGAUD: O CASO DAS PINTURAS MURAIAS MODERNISTAS NA CATEDRAL DE JACAREZINHO	
Luciana de Fátima Marinho Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.01620110220	
CAPÍTULO 21	258
A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA NA DIOCESE DE MANAUS	
Elisângela Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.01620110221	
CAPÍTULO 22	271
O DESAFIO DE PESQUISAR O ACERVO DAS ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS EM PORTUGAL	
Tatiane de Jesus Chates	
DOI 10.22533/at.ed.01620110222	
CAPÍTULO 23	284
O DISCURSO PROTESTANTE PENTECOSTAL DA BÍBLIA DA MULHER ACERCA DA CONDIÇÃO FEMININA VERSUS O DISCURSO ORAL DAS FIEIS	
José Glauber Lemos Diniz	
Daniele Barbosa Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.01620110223	

CAPÍTULO 24	298
ARCEBISPO DA PARAÍBA DOM JOSÉ MARIA PIRES: RELIGIÃO E POLÍTICA ENTRE OS ANOS DE 1965-1985	
Naiara Ferraz Bandeira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.01620110224	
CAPÍTULO 25	308
PERSPECTIVAS HISTÓRICAS ACERCA DOS DISCURSOS SOBRE A MA'AT N'AS LAMENTAÇÕES DE KHA-KHEPER-RÉ-SENEB	
Victor Braga Gurgel	
DOI 10.22533/at.ed.01620110225	
CAPÍTULO 26	321
APONTAMENTOS PARA UM ESTUDO DA EMERGÊNCIA DO CONCEITO DE FOLCLORE NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO O CASO DE SILVIO ROMERO	
Manoel Carlos Fonseca de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.01620110226	
CAPÍTULO 27	330
NICOLAU ALEKHINE NO ARQUIVO IPHAN-SP: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA	
Rafael de Araújo Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01620110227	
CAPÍTULO 28	340
COMPANHIA TEATRO MODERNO DE LISBOA (TML): ENGAJAMENTO, RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO CULTURAL NOS ANOS 1960	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.01620110228	
CAPÍTULO 29	351
ACAMPAMENTO E CULTURA POLÍTICA: ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO ZUMBI DOS PALMARES – RJ (1997-2015)	
Elson dos Santos Gomes Junior	
DOI 10.22533/at.ed.01620110229	
CAPÍTULO 30	363
O RAP INTERCULTURAL CONSTRUINDO UMA REPRESENTAÇÃO HÍBRIDA DA CIDADE DE MANAUS (1989 A 1999)	
Richardson Adriano de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01620110230	
SOBRE OS ORGANIZADORES	376
ÍNDICE REMISSIVO	377

O SOCIAL NA ARTE SACRA DE E. P. SIGAUD: O CASO DAS PINTURAS MURAIIS MODERNISTAS NA CATEDRAL DE JACAREZINHO

Data de aceite: 27/01/2020

Luciana de Fátima Marinho Evangelista

PPH – UFF/ DHI – UEM

Rio de Janeiro - RJ/ Maringá-PR

<http://lattes.cnpq.br/6814939718444387>

“RESUMO: Será a decoração mural a única possibilidade de o artista ter a sua obra vista e admirada por multidões”. É assim que, nos anos 1950, o pintor e arquiteto fluminense Eugênio de Proença Sigaud (1899-1979), em correspondência ao amigo e crítico de arte Quirino Campofiorito argumenta sua transferência do Rio de Janeiro para o interior do Paraná e noticia sua empolgação em decorar uma Catedral Diocesana situada na cidade de Jacarezinho. Conhecido como o “pintor dos operários”, Sigaud reafirma essa alcunha, nos murais dessa igreja paranaense, ao se inspirar nos trabalhadores da cidade, como pedreiros e cafeicultores, para representar as narrativas religiosas encomendadas por seu irmão Dom Geraldo de Proença Sigaud, então bispo na diocese de Jacarezinho. Na época, diocese que abrangia todo o Norte do Paraná e, portanto, uma diocese que se afortunava com as divisas do café convertidas em dízimos pagos por fiéis da localidade, mas também da região de Londrina e Maringá. O artista permaneceu na

cidade de 1954 até 1957, e produziu 600 m² de pinturas murais dispostas pelo templo em forma de painéis emoldurados e barrados em arabesco.

PALAVRAS-CHAVE: Pinturas Murais; Pinturas Modernistas; Eugênio de Proença Sigaud.

ABSTRACT: “It will be the mural decoration the only possibility for the artist to have his work seen and admired by crowds”. This is how, in the 1950s, Rio de Janeiro painter and architect Eugênio de Proença Sigaud (1899-1979), in correspondence with his friend and art critic Quirino Campofiorito, argues for his transfer from Rio de Janeiro to the interior of Paraná and reports his excitement in to decorate a Diocesan Cathedral in the city of Jacarezinho. Known as the “painter of the workers”, Sigaud reaffirms this nickname, on the murals of this church in Paraná, drawing inspiration from the city’s workers, such as bricklayers and coffee farmers, to represent the religious narratives commissioned by his brother Dom Geraldo de Proença Sigaud, then bishop, in the diocese of Jacarezinho. At the time, a diocese that covered the whole of northern Paraná and, therefore, a diocese that was fortunate in the coffee currencies converted into tithes paid by faithful of the locality, but also in the region of Londrina and Maringá. The artist remained in the city from 1954 until 1957, and produced 600 square

meters of murals arranged by the temple in the form of panels framed and barred arabesque.

KEYWORDS: Mural paintings; Modernist Paintings; Eugênio de Proença Sigaud

EUGÊNIO DE PROENÇA SIGAUD, SUAS VISÕES DE MUNDO E DE ARTE

Conhecido como o “pintor dos operários”, Eugênio de Proença Sigaud (1899-1979) tinha também inspiração nas personagens bíblicas do Antigo e Novo Testamento para fazer a composição de suas imagens artísticas. E o melhor exemplo dessa faceta do pintor são as pinturas murais modernistas da Catedral Diocesana de Jacarezinho, no norte do Paraná, realizadas na década de 1950, sob encomenda do seu irmão bispo Dom Geraldo de Proença Sigaud.

E. P. Sigaud era um arquiteto-pintor descendente de nobres famílias europeias: Proença, de origem portuguesa, e Sigaud, de ascendência francesa. Nasceu no Estado do Rio de Janeiro, mas passou a infância e a adolescência em Minas Gerais. Depois, retornou a então capital federal e ingressou na Escola Nacional de Belas Artes. Nessa instituição fez o Curso Livre, formou-se arquiteto, também foi aluno de Modesto Brocos e teve como colegas Quirino Campofiorito, Quirino Silva, Edson Mota, Oscar Niemeyer, Cândido Portinari, entre outros. Fez parte do Núcleo Bernadelli e do Grupo Portinari. Na sua trajetória artística é bastante lembrado como um artista modernista, sempre comprometido com a função social da arte. Foi pintor comunista, tanto que fez exposições pelo Partido Comunista e filiou-se ao PCB, entendia a arte como expressão política. De família católica, decidiu ser ateu.

As atividades desempenhadas em Jacarezinho correspondem a uma fase “madura” do artista — que tinha 55 anos quando pintou o primeiro painel da Igreja —, de uma trajetória profissional de mais de 50 anos dedicados à pintura, sendo que:

[...] sua obra, [foi] aproximadamente estimada em cerca de quatro mil trabalhos entre ilustrações, quadros (executados em diversas técnicas) miniaturas, estudo para vitrais e murais, sem contarmos, é claro, com os projetos de Arquitetura e Decoração, e os feitos em séries, tais como Pontas Secas, Litografias, Serigrafias e Múltiplos. (GONÇALVES, 1981, p. 77).

Assumia a pintura mural como meio para cumprir os ideais artísticos da popularização da arte e do fazer artístico como ato político. Inclusive, empolgava-o a possibilidade de chamar a atenção de uma população fora dos circuitos das galerias de arte para seu trabalho, como podemos conferir no fragmento da carta de Sigaud destinada a Campofiorito e, por este último, publicada na matéria “E. P. Sigaud no Paraná”:

Será a decoração mural a única possibilidade de o artista ter a sua obra vista e

admirada por multidões, às quais, com maior curiosidade, indaguem sobre, contudo do que presenciam pintado nas paredes. Isto não acontece com as nossas telas que vão para os museus e para as galerias particulares, onde poucos as vêem e raramente. (O JORNAL, 03/02/1956).

Com essa clara intenção de Eugênio Sigaud em atrair os mais curiosos, combinada a sua dedicação a arte figurativa e a preocupação com uma função social no fazer artístico, não nos resta dúvida que o artista buscava promover uma experiência estética investida de sentidos nos frequentadores da igreja, por meio de sua arte.

Ademais, o laço familiar e a proximidade com Dom Geraldo configuraram em uma grande oportunidade para o arquiteto-pintor produzir pinturas no gênero de sua preferência, ou seja, pinturas murais. Afinal, conforme Quirino Campofiorito, Eugênio Sigaud não recebeu tantas encomendas de pinturas murais porque o grande protagonista em suas obras era o trabalhador insubordinado ao patrão. (CAMPOFIORITO, 1982, p. 132).

Para a realização desse trabalho artístico, o artista se mudou para a cidade com a família, em 1954, e nela permaneceu até 1957. Suas atividades resultaram em intervenções no arquitetônico, e na decoração dessa arquitetura com 600 m² de pinturas murais modernistas, subdivididas em mais de 40 painéis murais emoldurados e barrados com pinturas em arabesco por todo o templo. A igreja obedece ao formato de cruz (figura 1 e figura 2) e tem pinturas por todas as partes: pórtico, transepto, nave, capelas secundárias e altar-mor. Logo na entrada ou pórtico temos o batistério; depois na nave há 14 painéis, sendo 12 dedicados às profecias da vinda do Messias, mais dois aos profetas; enquanto o transepto possui mais 12, sendo 4 relativos as ladainhas de Nossa Senhora a, 4 referenciando aos profetas, e os 4 demais narrando a expulsão do paraíso, o nascimento de Cristo, a crucificação e um em branco que seria a ressurreição; há ainda oito painéis nas duas capelas secundárias, ou seja, a capela dedicada a São Sebastião, o padroeiro da cidade, e a do Santíssimo, na primeira capela estão o “Martírio de São Sebastião”, o “Tributo do Povo do Paraná a São Sebastião”, e as virtudes cristã, enquanto no Santíssimo estão o Sermão da Montanha, o Encontro de Cristo com o Espírito Santo e as “Virtudes Cristã”; por fim no presbitério 4 painéis foram dedicados a “Via Sacra”, outros dois aos profetas, mais dois aos quatro Evangelistas e no Altar-Mor, com seus 11 metros de diâmetro por 3 metros de altura, está “O Povo de Jacarezinho e o seu Clero na Promulgação do Último Dogma de Pio XII” Além dos painéis, toda a parede dos 600 m² recebeu ornamentos com barrados em arabescos e alguns outros ornatos pelas paredes lisas. Pavão, flor de Liz, pés de café, e outras tantas referências a simbologia cristão como o peixe, a estrela de Davi, o templo de Salomão, Acácias e dezenas de outros.



Figura 01. Vista Aérea da Catedral. Fotógrafo: Alfredo Jorge. S/d.

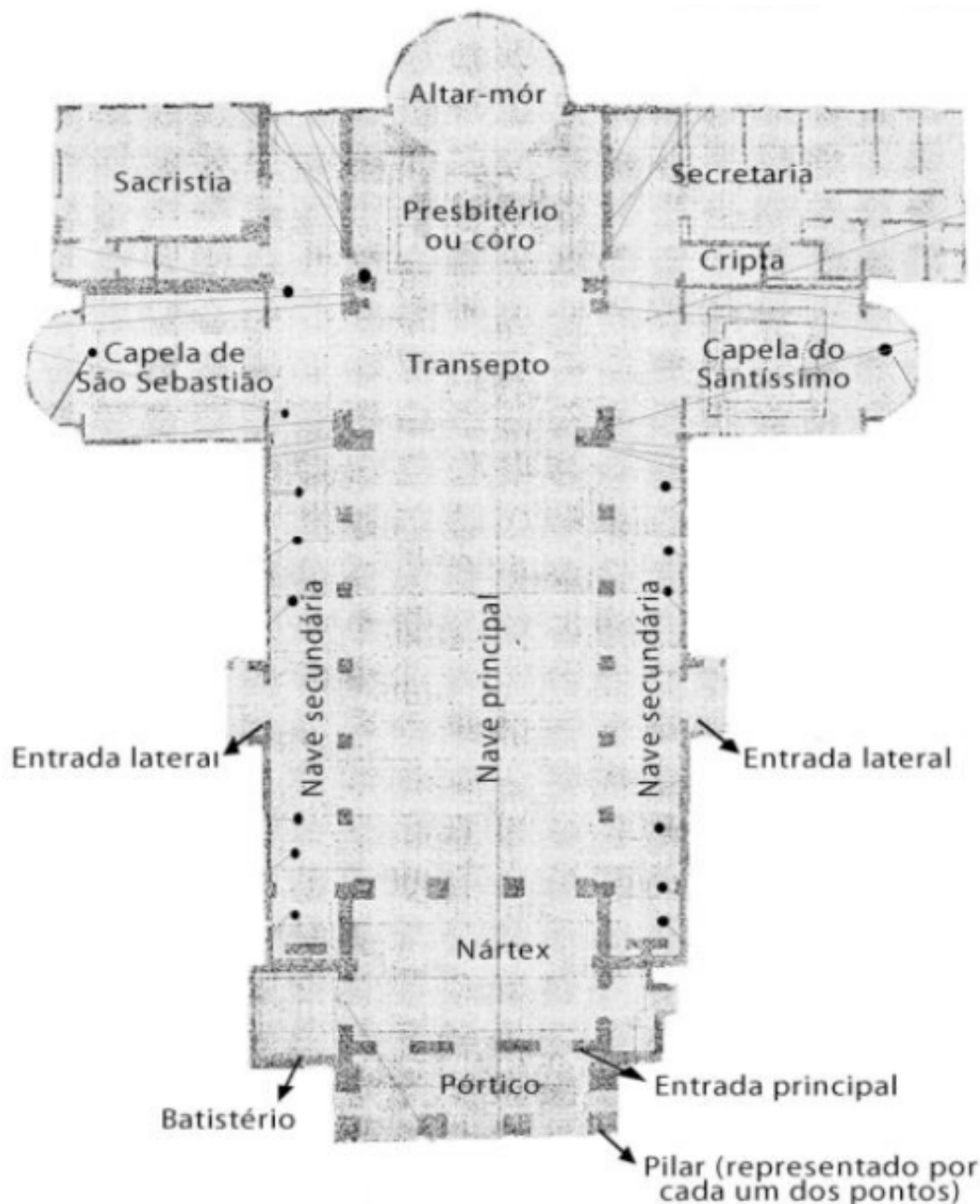


Figura 02. Planta Baixa da Catedral. Fonte: Projeto de Solicitação de Restauo, s/d.

Como se poderia supor, o ateísmo de E. P. Sigaud gerou questionamentos quanto ao fato de ter aceitado a encomenda de pintar uma igreja. A explicação sobre essa suposta contradição foi dada em entrevista concedida à Norma Couri, na reportagem “Sigaud, o pintor dos operários”. Na matéria, o pintor fala de seus motivos na pintura: “- É a cena social urbana que me provoca. A vida assim massacrada pelo sistema.”. Contudo as mitologias e cenas bíblicas, tão marcantes na sua produção artística, foram justificadas pela educação religiosa rígida recebida pelos pais, e quando questionado sobre ter sido o trabalho em Jacarezinho uma fase religiosa, responde: “-Não, uma *encomenda* religiosa.” (JORNAL DO BRASIL, 06/03/1977, p. 5.).

Contudo, as polêmicas em torno das atividades de E. P. Sigaud não se

restringiram ao seu ateísmo, pelo contrário, polêmica maior formou-se em torno das divergências ideológicas que permearam a negociação dessa encomenda artística, ao considerarmos que enquanto o arquiteto-pintor Sigaud era comunista e ateu, por seu turno, o encomendador da obra, seu irmão Dom Geraldo de Proença Sigaud era um bispo representante da ala conservadora e anticomunista da Igreja Católica, uma liderança de ultradireita.

Assim, da negociação entre dois irmãos com visões de mundo completamente opostas se idealizou a decoração da Catedral de Jacarezinho. Dada essas marcantes diferenças, cabe apresentarmos o bispo brevemente antes de tratarmos das pinturas de Eugênio Sigaud.

DOM GERALDO DE PROENÇA SIGAUD, UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Sobre Dom Geraldo de Proença Sigaud encontramos dados de sua formação no livro intitulado “Jubileu de ouro da diocese de Jacarezinho — 1926–1976”, dos quais destacamos o doutoramento pela Universidade Gregoriana onde cursou Teologia, em 1932. (JUBILEU DE OURO DIOCESE DE JACAREZINHO, 1976, p. 14). Igualmente sobre a trajetória profissional de Dom Geraldo depois do doutorado, Silva Júnior destaca os seguintes momentos:

Depois disso foi ordenado sacerdote em Jerusalém e seguiu para Steyl, onde lecionou por algum tempo. Quando de volta ao Brasil ocupou vários cargos na Congregação como o de professor de Teologia em Santo Amaro, São Paulo. E depois de um tempo é nomeado Bispo de Jacarezinho e, em 4 de maio, tomou posse da Diocese de Jacarezinho (SILVA JÚNIOR, 2006, p.).

Segundo o historiador das religiosidades, Silva Júnior, a população jacarezinhense se constituiu expressivamente pela vinda de mineiros e paulistas para a localidade, que, nas suas palavras se tratava de “descendentes dos coronéis da república velha” (SILVA JÚNIOR, 2006, p. 42). Para esse mesmo pesquisador a atuação de Dom Geraldo foi bem recebida pela população, atuação esta que pode ser assumida como adepta ao movimento da Neocristandade. Segundo Silva Júnior, a neocristandade seria uma intenção ou reação católica que buscava retomar e fortalecer seu poder perante o Estado Brasileiro Republicano, conforme demonstra nestes termos:

[...] na primeira Era Vargas, ou seja, o período que se estende de 1930 a 1945 quando D. Leme consegue uma clara aproximação com o Estado conquistando algumas ‘vantagens’ para a Igreja Católica, até então oficialmente inéditas desde a Proclamação da República. No entanto, após a morte de D. Leme, poucos bispos continuaram a empreitada por ele proposta. A partir do final dos anos 50 e principalmente, durante a década de 60, após o Concílio Vaticano II, a recém criada Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, vai cada vez mais orientar

os bispos para “novas diretrizes pastorais”. Estas serão mais de acordo com a realidade da Igreja Latino-americana, a esta tendência cristaliza-se mais tarde em Medellín e Puebla. Alguns bispos porém, insistiram na visão tomista proposta pela neocristandade a respeito da missão da Igreja, como foi o caso de D. Geraldo Sigaud. Embora o mesmo não tenha insistido em lutar até as últimas conseqüências contra as decisões do Concílio, como fez seu amigo e colaborador o tradicionalista bispo de Campos D. Antônio de Castro Mayer, enquanto intelectual fez suas interpretação das decisões do Concílio e opôs-se à noção de ecumenismo que, segundo ele, seria o primeiro passo para a adesão de muitos católicos às idéias comunistas (SILVA JÚNIOR, 2006, p. 40-41)

Em outras palavras, Silva Júnior verificou a reaproximação entre Estado e Igreja durante o Estado Novo, motivada, especialmente, pelo interesse em comum em lutar contra o comunismo. Apesar de essa articulação ter ocorrido inicialmente na década de 1930, no Rio de Janeiro, o fenômeno da neocristandade teve seu apogeu em Jacarezinho na década de 1950, personificado na figura de Dom Geraldo de Proença Sigaud.

Tal bispo era expressivamente avaliado como ultraconservador e visava “conquistar mentes” através de sua atuação. Observamos que ele se deparou com uma comunidade bem receptiva às suas ideias no tocante às questões políticas e sociais, inclusive foi cofundador nacional, ao lado de Plínio Correa de Oliveira, da TFP — Sociedade da Defesa da Tradição, Família e Propriedade — que era:

[...] uma organização civil anticomunista que tinha como objetivo primordial combater a vaga do socialismo e do comunismo e ressaltar, a partir da filosofia de Santo Tomás de Aquino e das Encíclicas, os valores positivos da ordem natural, particularmente, a tradição, a família e a propriedade. (BELOCH; ABREU apud SILVA JUNIOR, 2006, p. 50).

Da sua ligação com Plínio Correa e outros intelectuais, por exemplo, derivou o livro “Reforma Agrária Questão de Consciência”. Outra polêmica publicação foi uma espécie de cartilha sob o título “Catecismo Anticomunismo”. No ano de 1963 o livro se encontrava na sua 3ª edição e seu conteúdo consistia em 15 perguntas e respostas. Das quais destacamos duas delas ao leitor, a começar por esta:

1. Que é o comunismo? O comunismo é uma seita internacional, que segue a doutrina de Karl Marx, e trabalha para destruir a Sociedade humana baseada na lei de Deus e no Evangelho, bem como para instaurar o reino de Satanás neste mundo, implantando um Estado ímpio e revolucionário, e organizando a vida dos homens de sorte que se esqueçam de Deus e da eternidade. (SIGAUD, 1963, s/p).

Com essa passagem, compreendemos que as divergências político-filosóficas entre os irmãos Sigaud eram gritantes. Diríamos até que seriam inegociáveis, caso não conhecêssemos a Catedral Diocesana de Jacarezinho. Eugênio Sigaud era filosoficamente avesso às questões tecnocráticos da Igreja, enquanto, para Dom

Geraldo, o comunismo não passava de uma “seita do satã”. Outro “esclarecimento” controverso apresentado pela autoridade religiosa aos seus fiéis em seus escritos é:

15. A justiça social manda que todos sejam iguais em fortuna e posição social? Não. Que todos os indivíduos e famílias fossem iguais seria uma injustiça social, porque importaria na destruição da liberdade, da iniciativa privada e do direito dos filhos a herdar dos pais. A boa sociedade católica e humana é desigual, hierarquizada. (SIGAUD, 1963, s/p).

É com esse norteamento que Dom Geraldo finaliza sua obra “Catecismo Anticomunista”. Ademais, sobressaiu por sua atuação conservadora como Arcebispo de Diamantina (1961-1980), em razão de suas ações durante o Regime Militar, no Brasil e no Concílio Vaticano II. O aludido clérigo declarava publicamente que “confissões não se conseguem com bombons.” (SIGAUD apud GASPARI, 2002, s/p). Posicionamento que nos reafirma a designação de ultraconservador dada a ele, bem como vai ao encontro com suas ações voltadas à fundação da TFP, por exemplo, de modo a ressaltar as disparidades ideológicas dos irmãos Sigaud.

Dessa forma, o menos improvável aconteceu em Jacarezinho: um pintor comunista e ateu chegava para trabalhar na finalização da construção da catedral de uma diocese que abrangia todo o Norte do Paraná e, portanto, uma diocese que se afortunava com as divisas do café convertidas em dízimos pagos por fiéis da localidade, mas também da região de Londrina e Maringá, e tinha como bispo uma das maiores lideranças da direita conservadora no Brasil.

A CATEDRAL DIOCESANA DE JACAREZINHO: ENCONTROS E DESENCONTROS DOS IRMÃOS SIGAUD

A Catedral Diocesana de Jacarezinho resulta dos encontros e desencontros dos irmãos Sigaud na negociação de uma obra encomendada para simbolizar a riqueza e o poder da Diocese na região Norte do Paraná. E, justamente, pelos encontros e desencontros desses dois irmãos, que a catedral de Jacarezinho se torna única. Sobre os encontros, reiteramos que da parte de E. P. Sigaud a ida para Jacarezinho significou a possibilidade de realizar sua maior obra, no gênero e tema de sua preferência, ou seja, pinturas murais que edificam o trabalhador. Em contrapartida, para Dom Geraldo a parceria com seu irmão, significou ter na catedral de sua diocese pinturas de um artista modernista, considerado talentoso e que fazia parte da cena artística nacional, embora reconhecido com um rebelde também no meio artístico.

Quanto aos desencontros, além das notórias disparidades nas visões de mundo desses dois sujeitos, já evidenciadas neste texto, demonstraremos como a arte

sacra e a arte social são elementos constitutivos das pinturas de Sigaud na catedral, a partir de um painel em específico, no qual o pintor-arquiteto atendeu à encomenda do irmão de representar a narrativa bíblica do Sermão da Montanha, mas se valeu da liberdade de criação para registrar sua visão de mundo a partir da homenagem prestada na representação de Karl Marx e Lênin.

O painel se encontra na capela secundária, a do Santíssimo (Figura 3), numa parede lateral entre dois outros painéis que representam as virtudes cristãs. Conforme revelação de seu ajudante, Waldetaro Dias, na pintura (Figura 04), Sigaud representou Karl Marx, Lênin, a si mesmo, Ernani – um pedreiro da cidade, o próprio Waldetaro e José Adão, um homem muito religioso na cidade.

A revelação pública de Waldetaro Dias sobre a representação de Karl Marx na igreja de Jacarezinho ocorreu no ano 2000, para a reportagem “Por quem os sinos dobram: Pintor de temáticas sociais, Sigaud retratou numa visão bíblica personagens de Jacarezinho” no Jornal Gazeta do Povo, depois disso, a igreja ficou bastante famosa por essa atitude de enfrentamento por parte do pintor comunista em relação aos princípios ideológicos do irmão bispo.

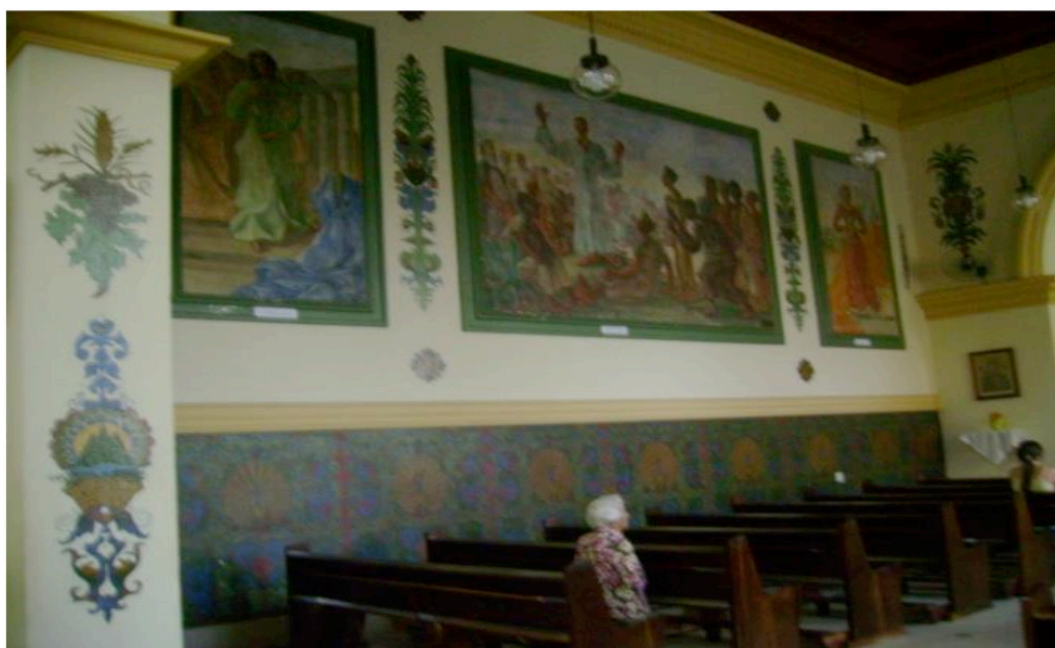


Figura 03. Vista parcial da Capela do Santíssimo, com enfoque ao painel O Sermão da Montanha, 1956. Acervo Fotográfico da autora, 2012.

Contudo, é possível identificar narrativas criadas no painel, pela presença de Karl Marx e Lênin, para além do que está proposto no Sermão da Montanha bíblico. A começar, pelo fato de Sigaud se apresentar ao lado dessas personalidades do comunismo, de maneira a indicar uma convicção ideológica, ou seja, a marxista-leninista. Depois, na composição do Cristo, ao escolher Ernani, um pedreiro da cidade, Sigaud explora o fato de Cristo ter sido um homem simples, explorado, trabalhador. Por outro lado, destaca-se no primeiro plano José Adão, com pés descalços, corpo

musculoso, mas curvado e com um cajado na mão caminhando com dificuldade em direção ao Cristo. Nem todos prestam atenção ao sermão, muitos são representados de costa para o espectador, e Waldetaro Dias está numa posição dúbia, deixando dúvidas se prestava atenção ao Cristo ou em Marx. Por fim, Cristo está mais próximo de Marx do que dos bem vestidos à direita da pintura, que se colocam numa postura alheia ao sermão, inclusive. No mais, a pintura foi composta em forma aberta, de maneira a integrar o espectador a narrativa visual e, dessa maneira, insinua que tal como na imagem, na sociedade jacarezinhense se deparou com os mais diversos tipos de cristãos: fiéis extremamente religiosos, outros totalmente alheios ao discurso cristão e as desigualdades sociais, e outros possíveis adeptos do discurso marxista.



Figura 04. O Sermão da Montanha, 1956, com destaques. Edição Cely Kaori Hirata. 2012.

Além disso, na arte sacra de Sigaud, os marginalizados são os grandes protagonistas. Na catedral idealizada para simbolizar a riqueza da diocese exultante

pelo desenvolvimento econômico de sua região, e receber a elite local para a prática dos ritos católicos, o verdadeiros homenageados são as pessoas simples e humildes. Trabalhadores e trabalhadoras rurais, em sua maioria afrodescendente, com face sisuda, marcados pela exploração cotidiana. Embora pelos preceitos bíblicos, em tudo condiz o protagonismo dos marginalizados em uma arte cristã, a recepção dos murais, de maneira geral, não seguiu essa lógica entre os cidadãos. Especialmente porque o pintor chega à cidade em plena Guerra Fria, quando o sentimento anticomunista povoava boa parte do imaginário dos brasileiros, e no caso dos jacarezinhense, a autoridade religiosa maior na cidade e região, o bispo, era um grande difusor do anticomunismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos anos 1960, depois que Dom Geraldo deixou a diocese para assumir a Arquidiocese de Diamantina, houve um movimento mal-sucedido para apagar as pinturas. Argumentava-se que a representação de um político da cidade em uma das pinturas da pinturas, poderia consagrá-lo e favorece-lo na disputa eleitoral para a prefeitura que estava prestes a acontecer. (GONÇALVES, 1981, p. 68). A iniciativa foi mal-sucedida e desde 1990 as pinturas murais de E. P. Sigaud são consideradas patrimônio cultural do Estado do Paraná.

As pinceladas de Eugênio Sigaud nas paredes da Catedral de Jacarezinho estão intimamente ligadas a sua experiência individual na cidade de Jacarezinho. Essa experiência é bastante interessante na medida em que o pintor circulou por grandes centros urbanos, transitou por círculos artísticos, conheceu diversas sociabilidades. Chega a Jacarezinho, e em negociação com seu irmão bispo Dom Geraldo, elabora uma narrativa visual que se contrapunha ao discurso performativo reinante na cidade. A riqueza produzida pelos trabalhadores na região não foi distribuída igualmente. Sigaud pintor deu evidência a essa realidade desigual, ao subverter o motivo da construção de uma nova Catedral (a 3ª desde a criação da diocese) e homenageia o povo trabalhador, que na sua força física buscava sua sobrevivência.

REFERÊNCIAS

BELOCH, I; ABREU, A. A (coords) Dicionário histórico-biográfico brasileiro (1930-1983). São Paulo: Forense Universitária/ FINEP/ FGV, 1983, v3 apud SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira. **Catolicismo, poder e tradição**: um estudo sobre as ações do conservadorismo brasileiro durante o Bispado de D. Geraldo Sigaud em Jacarezinho (1947- 1961). 2006. 94 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pós Graduação em História, UNESP, Assis.

DIOCESE DE JACAREZINHO. **50 anos/ Jubileu de ouro da Diocese de Jacarezinho**. Curitiba, PR: Gráfica Vicentina Ltda, 1976.

EVANGELISTA. Luciana de Fátima Marinho. **O artista e a cidade**: Eugênio de Proença Sigaud em Jacarezinho-PR (1954-1957). 2012. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, 2012.

GONÇALVES, Luís Felipe. **Sigaud**: o pintor dos operários. [Rio de Janeiro].: Edibrás, 1981.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 06/03/1977.

LIVRO DO TOMBO da Cúria Diocesana de Jacarezinho. Volume I.

NICOLATO, Roberto. “Por quem os sinos dobram: Pintor de temáticas sociais, Sigaud retratou numa visão bíblica personagens de Jacarezinho”. **Jornal Gazeta do Povo**. Curitiba, domingo, 18 de junho de 2000, pág. 05.

O JORNAL. E. P. **Sigaud no Paraná**. Rio de Janeiro. 3/02/1056.

PROCESSO DE TOMBAMENTO ° 16/90. **Inscrição Tombo**: 08 – III. Designação: Pinturas murais de Eugênio de Proença Sigaud. Inscrito em 14 de dezembro de 1990.

PROJETO PORTINARI. Entrevista com Quirino Campofiorito. **Programa Depoimentos**. Entrevistadoras: Maria Christina Guido; Rose Ingrid Goldschmidt. Técnico de Som: Oswaldo Barbosa. Transcrição: Mafra e Silva. Niterói-RJ: 03/11 e 10/11/1982. Duração: 6 horas e 20 minutos.

SIGAUD, D. Geraldo de Proença. **Catecismo Anticomunista**, 3ª. Ed. Editora Vera Cruz. São Paulo, 1963.

SIGAUD, G. P. A Igreja em flagrante: Catolicismo e sociedade na imprensa brasileira, 1964-1980. Entrevista a La Croix. In: CAVA, Ralph delia. (Org.), s/d, p. 149. apud GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira. **Catolicismo, poder e tradição**: um estudo sobre as ações do conservadorismo brasileiro durante o Bispado de D. Geraldo Sigaud em Jacarezinho (1947-1961). 2006. 94 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pós Graduação em História, UNESP, Assis.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ariano suassuna 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164

Armando de salles oliveira 180, 181, 182, 183, 184, 186, 188, 190, 192

Arte sacra 246, 253, 255

Assentamento 337, 351, 353, 354, 355, 356, 358, 359, 360, 361, 362

B

Bíblia 211, 215, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297

Biografia 166, 178, 200, 219, 233, 235, 241, 243, 244, 299, 330, 331, 332

C

Consciência histórica 19, 47, 50, 51, 106, 108, 109, 110, 115, 117, 134, 135, 138, 166, 172, 173

Contestado 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140

Cotas 181, 182, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 202, 203, 205, 206

Cultura 7, 10, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 22, 24, 26, 29, 30, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 51, 55, 56, 61, 69, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 93, 95, 103, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 143, 147, 148, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 172, 174, 181, 184, 185, 187, 190, 192, 194, 196, 202, 203, 204, 216, 220, 236, 245, 261, 270, 277, 280, 281, 289, 290, 297, 299, 306, 307, 320, 321, 322, 323, 326, 328, 329, 343, 344, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 363, 366, 368, 369, 371, 374, 375, 376

Cultura política 270, 299, 306, 307, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 376

Currículo 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 37, 43, 47, 49, 53, 56, 57, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 77, 79, 80, 96, 104, 107, 111, 120, 121, 122, 194

D

Diocese 102, 246, 251, 253, 255, 256, 258, 259, 264, 266, 269, 270

Discurso 4, 5, 15, 24, 31, 49, 78, 102, 124, 128, 129, 153, 155, 180, 183, 186, 187, 233, 238, 239, 241, 243, 255, 256, 274, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 296, 297, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 314, 315, 317, 375

E

Educação infantil 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 107, 206

Educação patrimonial 80, 83, 89, 90, 91, 92, 93, 332

Egito 156, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 318, 319

Ensino das ciências 53, 54, 58, 62, 67

Ensino de história 1, 2, 12, 15, 19, 24, 37, 39, 44, 49, 51, 68, 91, 92, 99, 103, 106, 108, 117, 118, 119, 124, 129, 130, 153, 171, 172, 177, 179

Ensino fundamental 14, 15, 16, 21, 44, 70, 75, 93, 102, 104, 107, 118, 120, 123, 128, 129, 130, 132, 138, 139

Ensino médio 75, 123, 131, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 152

Escravidão 5, 7, 9, 31, 43, 138, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 151, 152, 153, 201, 346, 376

Etnografia 47, 216, 332

F

Folclore 14, 164, 321, 322, 328

Formação de professores 54, 55, 68, 76, 79, 106, 107, 108, 109, 178, 179

H

Hagiografia 214, 233, 236

História da educação 54, 68, 130, 165, 166, 171, 172, 174, 175, 177, 179, 192, 194

História indígena 35, 37, 40, 42, 44, 48, 49, 50, 51

I

Igreja 87, 92, 100, 148, 199, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 237, 239, 240, 241, 243, 246, 247, 248, 250, 251, 252, 254, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 268, 270, 274, 276, 282, 289, 290, 291, 292, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 322, 343, 347

Interdisciplinaridade 19, 141, 142, 145, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 178

Iphan 90, 105, 330, 331, 332, 335, 336, 337, 338, 339

J

José de anchieta 225, 229, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 241, 242, 244

L

Lei federal 14, 69, 70, 72, 78

Leitura 1, 2, 3, 24, 29, 62, 113, 114, 115, 118, 119, 125, 127, 128, 156, 160, 174, 231, 268, 272, 277, 282, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 306, 340, 345, 360

Livros didáticos 37, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 59, 63, 66, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 138, 140, 141, 142, 146

M

Manaus 26, 35, 36, 258, 259, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375

Mártir 43, 208, 209, 214, 216, 217, 218, 219, 263

Memória 1, 2, 10, 13, 14, 24, 26, 28, 33, 34, 35, 36, 42, 50, 51, 52, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 93, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 105, 112, 124, 130, 131, 132, 133, 136, 139, 140, 141, 151, 152, 155, 167, 172, 179, 219, 228, 231, 235, 237, 276, 300, 307, 308, 310, 318, 319, 331, 362, 371, 376

Murais 18, 246, 247, 248, 253, 256, 257

N

Negritude 1

O

Ordens religiosas 236, 237, 240, 243, 271, 272, 273, 274, 278, 279, 280, 281, 282, 283

P

Paraíba 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 104, 156, 160, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 308
Patrimônio cultural 80, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 103, 104, 256, 330, 332, 338
Patrimônio histórico 80, 83, 87, 89, 90, 330, 335
Paulo bourroul 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67
Pensamento educacional 154
Pensamento social brasileiro 321, 326, 328
Pinturas históricas 118, 120, 123, 124, 125, 127, 128, 129
Política 14, 17, 21, 23, 36, 42, 48, 49, 56, 59, 68, 80, 105, 119, 121, 122, 129, 135, 155, 156, 160, 161, 171, 174, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 202, 205, 206, 207, 233, 240, 241, 242, 243, 247, 261, 270, 285, 288, 289, 291, 298, 299, 302, 304, 305, 306, 307, 312, 313, 314, 320, 325, 335, 340, 342, 343, 344, 349, 351, 353, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 373, 374, 376
Políticas afirmativas 21, 22, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206
Porto seguro 103, 126, 128, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 231
Portugal 97, 178, 208, 214, 219, 223, 227, 229, 232, 245, 269, 271, 272, 274, 281, 282, 283, 323, 324, 325, 340, 341, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350
Profhistória 37, 91

R

Rap 363, 364, 365, 366, 369, 370, 371, 373, 374, 375
Religião 5, 19, 73, 102, 175, 209, 210, 212, 215, 245, 264, 265, 272, 274, 282, 298, 302, 303, 313

S

Sala de aula 2, 12, 14, 20, 22, 40, 45, 49, 65, 91, 93, 95, 109, 118, 121, 123, 124, 125, 128, 129, 131, 133, 134, 136, 139, 161, 163, 168, 176, 177, 339
Santo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 100, 101, 102, 118, 164, 208, 209, 210, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 230, 231, 236, 239, 244, 248, 251, 252, 259, 276, 277, 281, 301, 343, 371

T

Teatro 19, 51, 87, 154, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 180, 183, 262, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 348, 349, 350, 369

U

Universidades 39, 162, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 192, 194, 196, 197, 198, 200, 205, 285, 305

Z

Zumbi dos palmares 87, 351, 353, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362

 **Atena**
Editora

2 0 2 0